

## Fenomenologia e Psicanálise: o corpo na clínica<sup>122</sup>

Marilsa Taffarel <sup>123</sup>

Meu orientador de mestrado costumava dizer em suas aulas que Descartes separou a alma do corpo (*res cogitans, res extensa*) e desde então a filosofia tenta reuni-las de diversas maneiras. A Fenomenologia é uma delas.

Essa incumbência coube também à Psicanálise que tratou dessa questão já antes da virada do século passado.

Em 1890, Freud escreveu um trabalho que recebeu o título: *Tratamento psíquico (tratamento da alma)*. Nas primeiras linhas ele esclarece que se trata de tratamento **desde** o psíquico, ou desde a alma, de perturbações anímica ou corporais. E acrescenta que as palavras são seu instrumento por excelência.

Eis-nos hoje, novamente com esse interrogante: o corpo na clínica psicanalítica. Questão aqui colocada no contexto da relação possível entre Fenomenologia – um vastíssimo campo – e Psicanálise. Não esqueçamos, que também estamos inseridos no grande contexto de abrangência mundial da pandemia. Nosso contato com o analisando ficou intermediado pela internet e temos a presença pela palavra, pela fala e as expressões faciais (quando trabalhamos com a imagem também) como recursos, agora mais relevante ainda.

Talvez um breve olhar sobre a fenomenologia possa nos ser útil..

Começarei falando do que é mais básico na fenomenologia e que, no entanto expressa seu caráter revolucionário em relação à ciência, à psicologia, e à filosofia que lhe antecederam e que ainda estão vigentes nos inícios do século XX .

A fenomenologia parte da palavra de ordem de “uma volta às coisas”, ao fenômeno, ao que é dado imediatamente à nossa consciência. Ao que percebemos com nossos sentidos, ao que falamos, ao que pensamos, em um decidido abandono do conhecimento sedimentado anteriormente. Ela põe entre parênteses qualquer mediação. Sem a mediação da ciência, da metafísica, da cultura. Seu propósito é voltar à experiência vivida (*Lebenswelt*) para cuidadosamente **descrevê-la**. Sem aventar hipóteses.

---

<sup>122</sup> Trabalho apresentado na mesa “Fenomenologia e Psicanálise: o lugar do corpo na clínica ” no II Simpósio Bienal SBPSP “Fronteiras da Psicanálise: a clínica em movimento” no dia 29 de agosto de 2020.

<sup>123</sup> Membro efetivo da SBPSP, docente do instituto Durval Marcondes, psiquiatra pela Escola Paulista de Medicina, Doutora em Psicanálise pela PUC-SP.

A fenomenologia propõe um contato anti-conceitual, anti-predicativo com o mundo. Suspendendo todos os julgamentos sobre as coisas para que delas recuperemos a **presença**. Trata-se do famoso “por entre parêntese (os juízos, os julgamentos), trata-se da redução fenomenológica, redução aos fenômenos.

O método fenomenológico que permite fluir a **intencionalidade** da consciência em direção ao mundo revela a consciência como ‘consciência de’.

A consciência é sempre consciência do mundo, a consciência não existe como uma entidade separada. Com essa concepção desaparece a separação homem/mundo, assim como a separação corpo/mente ou corpo/ psique ou corpo/alma.

Essa é uma das elucidações básicas que encontramos nas primeiras linhas de qualquer livro introdutório à Fenomenologia. Voltar-se para as coisas não é voltar-se para a percepção dita objetiva, cotidiana, na qual se está alienado. É abrir-se para a percepção originária.

Edmond Husserl, criador da fenomenologia foi autor da consigna: “voltar às coisas mesmas”. Seus inúmeros seguidores na filosofia os quais se apropriaram, operaram mutações, desenvolveram a seu modo a Fenomenologia são Heidegger, Merleau-Ponty, Lévinas entre vários outros.

Provocou-se com a fenomenologia uma revolução na psicologia com a Psicologia da Forma ou Teoria da Gestalt; com a Psicologia Fenomenológica de Erwin Straus, com a psicopatologia de Carl Jaspers, com a psiquiatria existencial de Ludwig Binswanger.

A psicanálise e a fenomenologia desencontram-se com Sartre que via o conceito de inconsciente como incompreensível, entendia o recalçamento como apenas o que não quero ver de mim - uma má consciência. Por outro lado com Merleau-Ponty, como mostra Nelson Coelho Jr., as tentativas de compreender o inconsciente freudiano tiveram o valor de aprofundar a própria reflexão filosófica de Ponty sobre o corpo.

Gostaria de examinar brevemente a contribuição da Fenomenologia no pensamento de dois psicanalistas, Fábio Herrmann e Pierre Fédida. Deixarei de lado o nosso mestre Isaias Melsohn, que fez através da fenomenologia, mas não só dela, uma releitura da psicanálise e cuja clínica é muito influenciada pelo olhar fenomenológico sobre a temporalidade, sobre a espacialidade, sem deixar de ser psicanalista.

A contribuição de Fabio Herrmann centra-se na recuperação e renovação do método psicanalítico no qual incorpora como parte fundamental a suspensão do juízo, o por entre parênteses da fenomenologia.

Para Herrmann o método psicanalítico, denominado por ele método de ruptura de campo, se dá em três tempos. O primeiro tempo é um tempo fenomenológico, pré-teórico e livre de pressuposições de qualquer ordem. Vemos nesse tempo a presença de Freud que promana a suspensão de juízos estéticos, morais, de preferências, de gostos pessoais para abrir-se à presença na palavra e nos gestos ou condutas do analisando, que são linguagens. Vemos também a presença de Bion com sua palavra de ordem de suspensão das teorias para a escuta do analisando. Nesse primeiro tempo, método psicanalítico e fenomenológico se encontram. Suspender qualquer mediação na escuta e esperar que surja algo que capture a atenção. “Um germe de sonho”, no dizer do autor, que é a condição para a passagem ao segundo tempo onde o que causou espanto, intrigou na fala do analisando se converterá em interpretante.

Fábio radicaliza a suspensão de quaisquer mediações na escuta ao chama-la de fenomenológica. Não é uma simples tipificação da escuta, nem apenas uma adjetivação. Como leitor de Carl Jaspers, pensador na área da psiquiatria, que usa o método fenomenológico em seus estudos de psicopatologia, Fábio está instrumentado para chamar de momento fenomenológico esse primeiro e fundamental tempo do método psicanalítico. Obviamente seu objetivo não é trabalhar com os fenômenos vividos pelos pacientes e descrevê-los. Assim o segundo momento do método, como ele foi entendido por Herrmann, é hermenêutico. Tomar o que despertou a curiosidade e usá-lo como uma parte que deve poder tentativamente levar ao todo do que se põe do analisando naquela sessão. O que Fabio visa é romper o sentido que se apresentará, por isso o método para Fábio, em seu terceiro tempo, é anti-hermenêutico, como o é para Laplanche. Aqui, no entanto, o que importa é mostrar como Fábio se serve da fenomenologia.

Pierre Fédida, por sua vez, faz uma investigação da escuta da fala na análise. Qual fala, qual palavra na fala pode nos dar o corpo, suas pulsões, seus afetos, pode nos dar a presença? Qual a posição em que se deve por o analista para ouvi-la? Fédida, psicanalista francês, tem uma formação em fenomenologia e é influenciado por Husserl, por Binswanger, por Heidegger, por Merleau-Ponty.

Sente-se a presença da fenomenologia em sua obra e sobretudo, a meu ver, nesse texto que escolhi, breve e parcialmente, apresentar. Nele encontramos o que se pode chamar de um estilo fenomenológico (Jean Wahl) ou uma marca fenomenológica.

Com este estilo, Fédida irá tratar seu objeto: a linguagem, a palavra e a escuta em situação de análise. Trata-se de um ensaio intitulado “Ressonância atonal – sobre a condição da linguagem do analista”.<sup>124</sup>

A escolha de Fédida também se deve ao fato de vivermos um momento de **espacialidades redefinidas** com a brusca mudança do atendimento em nossos consultórios para o atendimento via internet. Fédida nos lembra que a situação analítica não se instaura de forma fixa. Ela se instaura e se desinstaura.<sup>125</sup> Para reinstaurá-la, sobretudo em momentos radicais como esse que vivemos, é, mais do que nunca, necessário o cuidado com a palavra, na escuta e na interpretação, para não nos deslocarmos demasiadamente para a comunicação interpessoal.

Fédida observa que não temos na psicanálise uma teoria unificada da linguagem que nos possibilite fazer uma metapsicologia da linguagem. Ele se pergunta: Quando teremos uma teoria da linguagem cujo **“paradigma prático de iniciação e constituição” seja o poema?** (7) Em outro momento do texto escreve “Da incerteza referente à condição de linguagem da situação psicanalítica e da dificuldade em se elaborar uma metapsicologia da escuta do analista resultam impasses ou aporias técnicas que ocasionaram uma espécie de subestimação da importância das **diferenças qualitativas perceptíveis na fala do paciente.**” (p.14)

A linguagem é reconhecida como o grande mediador simbólico, i.e., a palavra faz a mediação entre o ser humano e o mundo. Entre o humano e o pré-humano. É um “instrumento” simbólico.

A situação analítica é instaurada pela referência fundadora à linguagem. Mas o que na linguagem, que ‘gênero’ de palavra?

O empenho de Fédida nesse texto é retomar Freud ( “Tratamento psíquico (tratamento da alma)”, “Comunicação preliminar” in *Estudos sobre a Histeria*,

---

<sup>124</sup> La Ressonance Atonale – Sur la condition de langage de l’analyste in Le langage pris dans le mots, Peuple méditerranéens 33, oct.-déc. 1985.

<sup>125</sup> Fédida, P. “A psicoterapia na psicanálise hoje” - trabalho apresentado em Reunião científica da SBPSP em 21/10/98.

“Conselhos ao médico no decorrer do tratamento psicanalítico”), para tornar mais explícito nosso legado freudiano quanto à palavra, ao poder da palavra. Recorre também às reflexões de grandes artistas que se debruçam sobre seu fazer, sobre sua linguagem, tais como Paul Klee, Cézanne, Kandisky, Schoenberg. Convoca também W. Benjamin, o psicólogo fenomenólogo Erwin Straus, convoca Ferenczi.

Esse artigo de Fédida começa com uma declaração de Cézanne sobre o trabalho do pintor, em uma entrevista. O pintor deve se por, para Cézanne, como uma placa sensível, deve calar nele mesmo as vozes dos pré-julgamentos, “esquecer, esquecer, fazer silêncio ser um eco perfeito”<sup>126</sup>. O pintor deve se colocar, pensa Cézanne, como uma “superfície de ressonância linguageira onde se forma o nome das coisas”<sup>127</sup>. Assim ele irá ao encontro das coisas, do fenomênico “reunindo em um tom a atmosfera de todas as sensações. É um trabalho respeitoso das coisas.”<sup>128</sup>

Vemos aí uma declaração em perfeito acordo com o método fenomenológico. O que é preciso, em nosso campo, esquecer, esquecer para não acontecer aquilo que Fédida chama de catastrófico, ou seja, a surdez sensorial da linguagem?<sup>129</sup>

Poderíamos resumidamente dizer que o que deve ficar fora (entre parênteses) quanto à escuta analítica é a linguagem como logos, a logicização da língua em prol de seu poder informativo, a língua conceitual, a significação afastada da coisa, afastada do corpo. A linguagem dialógica, a fala cotidiana, convencional. Nosso âmbito é o da fala associativa e da escuta livremente distribuída.

Para Fédida a escuta que tem como paradigma o poema é a escuta poética, escuta da criação do **nome**. Mas o que é o nome? Para chegar ao nome, ao significante puro, é necessário uma ruptura da semântica, da significação usual da linguagem. O signo, no nome da coisa, desaparece e dá nascimento ao puro nome. Temos no nome uma fala que está em ressonância com as coisas, com as imagens das coisas, que nos devolve a proximidade entre as palavras e as coisas, com o corpo e seus afetos. O nome provém de um vórtice, de um turbilhão que

---

<sup>126</sup> Idem, p.7.

<sup>127</sup> Ibidem, p.7.

<sup>128</sup> Ibidem, p.9.

<sup>129</sup> Ibidem, p.10.

perpassa o fluir semântico. “O poeta é aquele que imerge nesse vórtice em que tudo para ele se torna nome de novo.”<sup>130</sup> Quando o poeta Mário Quintana escreve: “A pantera é uma curva em movimento”<sup>131</sup>; quando um paciente vem para a entrevista e deixa perceber que é deficiente - falta a ele um pequeno pedaço do antebraço e a mão correspondente. Ele que nunca pensou em se tratar, agora que o casamento ruiu “quer uma mãozinha de mim.” Não há como não sentir a força da palavra, força que presentifica o corpo, e a falta no corpo.

Não há só um paradigma da escuta analítica. Há o poema, há o sonho, com suas vívidas imagens e também as metáforas históricas. A paciente Cecilia que Freud trata não melhora de sua excruciante, embora eventual, neuralgia facial até que numa determinada sessão conta que certo dia, em uma conversa com o marido, dia em que estava especialmente sensível, ouviu dele uma observação que ela considerou uma grave afronta. Imediatamente passa a ter sua dolorosa neuralgia facial. “Para mim foi como uma bofetada”, diz ela a Freud. A histórica, “toma ao pé da letra a expressão da linguagem.”(...) Suas metáforas restabelecem o sentido original da palavra, a força original da palavra.”

Essas metáforas históricas, em sua versão enfraquecida nos chegam na escuta dos pacientes. A linguagem liberada da significação habitual requer um analista nem tão próximo nem tão distante. O analista deve, como Fédida diz em outro escrito, ocupar o sítio do estrangeiro. Lugar especialmente difícil de nos colocarmos hoje com o atendimento pela internet.

Esse lugar, pela distância ótima e por um trabalho de manter um posicionamento de silêncio da linguagem no analista possibilita uma escuta sem ponto de referência estável. Sem tônica. Apta a captar a difração (desvio, espalhamento) dos afetos aos quais a palavra do analisando é sensível. As palavras que carregam os afetos ressoam umas sobre as outras, reverberam.

Mas, poderíamos ainda nos perguntar onde mesmo está a fenomenologia?

Ela está no modo de desenvolver sua, necessariamente, minuciosa análise. O “por entre parênteses” não é apenas um ato da vontade. Ele demanda um trabalho árduo e que segue *pari passu* com o desvelamento do seu objeto de investigação, no caso a fala e a escuta em situação de análise. O “por entre

---

<sup>130</sup> Agamben, G. 2018, *O fogo e o relato*, Editora Boitempo, São Paulo, p.88.

<sup>131</sup> Quintana, M. 1976, *Apontamentos de História Sobrenatural*, Editora globo, Porto Alegre, p.6.

parêntesis “não é um ato acabado, ele vai se construindo no dilucidamento daquilo que o costume e as pré-concepções tamponam.

O fenomenólogo precisa ir separando cuidadosamente o joio do trigo. Mostrando o joio e qual sua interferência. Trilhando um caminho cuidadoso. Fédida quer separar o joio que é o que ele chama a margem exterior da linguagem - a da significação estabelecida - da margem interior, onde se encontra a “magia da linguagem”. (W. Benjamin)

O nome é para os gregos antigos – o lado interior da linguagem, como nome das coisas. Ele está dirigido para uma objetificação primária, uma metáfora original, está dirigido diretamente para a coisa mesma, enquanto a objetividade secundária está na significação.

O que deve ser posto entre parênteses, o que precisamos esquecer são nossas representações veiculadas por nosso hábito de pensar <sup>132</sup>, dependentes do discurso por isso conscientemente harmoniosas, consonantes. Por isso Kandinsky defende a ideia de uma construção desarmônica. Isto é, uma construção dissonante que procede da necessidade interior. <sup>133</sup>

O trigo, para prosseguir nessa metáfora, está na poiesis, não no logos que a subsumiu. A palavra e a língua devem prevalecer sobre a negação deste lado interior, desta margem interior da linguagem que é o poder da palavra de nomear e nomeando dizer <sup>134</sup>.

A ressonância atonal é então a atividade da linguagem na medida em que ela é dissonante e não consonante, acordante. A ressonância atonal é a ressonância das tonalidades pela linguagem<sup>135</sup>.

---

<sup>132</sup> La Ressonance Atonale – Sur la condition de langage de l’analyste in Le langage pris dans le mots, *Peuple méditerranéens* 33, oct.-déc., and p.17.

<sup>133</sup> Idem, p.16.

<sup>134</sup> Ibidem, p.7.

<sup>135</sup> Ibidem, p.20.